

## A EPISTOLA DO PERDÃO, PRECURSORA DA DIVINA COMÉDIA.

*Helmi Nasr*

A Epístola do Perdão é uma obra literária do poeta árabe Aboul Alaa, a qual a maioria dos orientalistas europeus considera como precursora importante da Divina Comédia, de Dante Alighieri.

Asín Palacios, em sua tese “La Escatología Musulmana en la Divina Comedia”, inclui esta obra entre as várias outras fontes que, segundo ele, influenciaram Dante, na criação da Divina Comédia. No estudo da gênese do divino poema, chegou, como alguns críticos da literatura medieval, à proposição de que as fontes islâmicas, mais que as cristãs ou clássicas, já existiam como modelos de alguns elementos da Divina Comédia.

A Epístola do Perdão e seu autor Aboul Alaa, embora conhecidos e estudados na literatura e história literária européias, são quase totalmente ignorados em nosso meio literário. Por este motivo, julgamos oportuno oferecer aos nossos leitores, neste artigo, uma visão geral da obra e de seu autor. E como a compreensão da obra depende, muitas vezes, e em grande parte, da compreensão do autor, apresentaremos, em primeiro lugar, os dados biográficos de Aboul Alaa.

### ABOUL ALAA

Vida: — Aboul Alaa nasce em Ma'arrat al Nu'man, pequeno povoado da Síria, situado entre Hama e Aleppo, no ano 363 da Hégira, ou seja, em 973 d.C. Aos três anos e meio, acometido pela varíola, perde a vista esquerda e parte da direita. Aos seis, está totalmente cego, mas suas faculdades intelectuais são tão precoces, e a memória tão prodigiosa que, com apenas os ensinamentos do pai, chega a dominar os vários ramos da filosofia e literatura árabe. Perde o pai, porém, aos quatorze anos, e a convivência com filósofos completa-lhe a cultura e aguça-lhe o espírito crítico. Estuda em importantes centros culturais da época: Antióquia, Leodicéia, Trípoli e Aleppo. Aos vinte anos, retorna à cidade natal e se dedica à erudição e à poesia, das

quais se utiliza para sobreviver. Conhece a prosperidade econômica; contudo, devido à divergências com um príncipe, através de quem lhe é negada uma herança a que tinha direito, deixa, magoado, a sua terra e vai a Bagdá, centro literário e científico do século, onde vive um ano. Em virtude de discordância com uma das personalidades locais, deixa Bagdá, sobretudo porque recebe notícia de que a mãe está enferma. Ao regressar à terra natal, em fins de abril de 1.010, ainda a caminho, sua mãe vem a falecer. Este acontecimento o desola, de tal maneira, que a vida passa a ser-lhe desgostosa e vazia. Em Al Ma'arrat, exila-se em sua casa e dedica-se, apenas, à pesquisa, aos estudos e ao ensino. Com a mudança de vida, passa a alimentar-se tão somente de vegetais, excluindo a carne e alimentos de origem animal. Dá-se o epíteto de “detido por duas prisões”, a da cegueira e a da casa, e, assim, permanece, durante quase meio século, alheio à vida social, apenas rodeado por poucos discípulos. Aboul Alaa é de estatura baixa, saúde debilitada e pele estigmatizada pela varíola. Enfim, a natureza não o favorece, e é duramente castigado pela vida.

O fato de ser cego, desprotegido pela natureza, órfão e pobre, leva-o a completo pessimismo, com imensa amargura de viver. A cegueira precoce traumatiza seu espírito e manifesta-se, quando diz: “Deus é justo, embora me tenha mantido escravo da cegueira. Vivo sempre na escuridão; quando chegará a aurora? Acho-me preso a três coisas: à cegueira, à casa e ao corpo desprezível, que encerra minha alma. Não tenho ânimo de caminhar, nem de dia nem de noite, pois os caminhos não estão iluminados para mim”.

Malgrado fosse rica a família, Aboul Alaa nunca o foi. Em seus poemas, há queixas contra tamanha e tão injusta pobreza: “Uma vida difícil e problemática, sem soluções, tão somente vazia e sem significado. Deseja tanto a minha alma, mas em vão. Dizem os adversários que sou privilegiado de Deus. Mentem; eles é que o são”.

Conhecido e famoso por sua cultura, angaria inúmeros adversários que, com o propósito de aniquilá-lo, tacham-no de incrédulo e ateu. Estas acusações advêm do fato de o poeta sempre haver dirigido severas críticas aos governantes e chefes religiosos da época.

Com todas estas circunstâncias, não é de estranhar, pois, que se incline à crítica e à ironia, execrando sempre e esquivando-se às respostas decisivas para as situações. Mas, se de um lado tais fatos negativos atingem, cruelmente, o espírito do poeta, de outro, desenvolvem-lhe qualidades positivas, que lhe são marcantes. Aboul Alaa é dotado de insuperável memória, sem paralelo na história dos árabes e na de outros povos. Memoriza a maioria dos dicionários árabes e é

profundo conhecedor da história e de toda a riqueza literária e poética, conhecida até seu tempo. Sua poesia e prosa refletem sabedoria e cultura profundas. É audacioso e critica sagazmente hábitos sociais, crenças herdadas, políticos, ilusões dos filósofos e, às vezes, mescla a ironia com a crítica, de tal modo que difícil é determinar o lado crítico e o irônico.

Embora conhecido como literato, é também filósofo, no sentido amplo da palavra. E, segundo alguns orientalistas, se não chega ao nível de Platão, de Aristóteles ou de Averróis, coloca-se ao nível de Sócrates, Al Gazáli, Tomás de Aquino e Schopenhauer. Todavia, ultrapassa-os em alguns aspectos. Usa o raciocínio para todos os problemas e adota absoluto realismo, de tendência pessimista. Ao abordar a questão da mulher, sua opinião é severa e injusta, e prega ainda a proibição do casamento e da procriação. Quanto às questões metafísicas, nega, quase completamente, a possibilidade de sua compreensão. De sua filosofia, salientamos os seguintes pontos: crê em um só Deus; segundo ele, a fé é a confiança em Deus, a aceitação dos acontecimentos da vida, a piedade. Assim, as controvérsias não têm lugar na religião. Não tenta, pois, conhecer Deus, através das discussões, e não se preocupa em provar Sua existência, uma vez que não tem dúvidas a respeito. Ataca severamente os profetas que, para ele, são contraditórios. “Chegou Jesus, para anular a religião de Moisés, logo surge Muhammad, com princípios diferentes, dizendo não haver mais profetas. Eles pregam idéias que, na realidade, não têm objetivo real, mas pretendem que exista nelas a felicidade dos homens e, por isso, acumulam nelas o que combina com a mentalidade dos povos, quer hipóteses, quer dogmas, exagerando suas pretensões com o paraíso e o inferno. Cada profeta pretende que sua religião é melhor que a outra; daí, a divisão da humanidade” Finalmente, em razão de seu positivismo, dá preferência ao Islão sobre todas as religiões, por alguns motivos, entre os quais a proibição do álcool, esmola obrigatória aos pobres, boa conduta ligada, imediatamente, a Deus. Acredita que todos os homens são iguais; não faz diferença entre os livres e os escravos, nem entre filhos de uma mulher decente e os de uma mulher de vida irregular. No entanto, os homens tornam-se corruptos, de tal modo que não há esperança de salvá-los. Para Aboul Alaa, a mulher é a fonte do mal, e a sua corrupção é mais profunda que a do homem. Não é estranho que diga: “Embora a morte seja considerada uma desgraça, o enterro de uma mulher é uma graça” Quanto ao casamento, acredita que o homem deve ser imune a qualquer tentação, conservando sua juventude com a isenção dos contatos carnais. Aconselha o homem a não se casar, advertindo-o do resultado do casamento e da procriação. “O contrato de casamento é igual à armadilha mortal. .. e o homem deve

contentar-se com uma só mulher, pois se casar com duas, será como guerrear em duas batalhas” O poeta acredita, ainda, que o melhor na vida é o isolamento, pois a aproximação com os homens acarreta aborrecimentos. Para ele, quanto mais se conhecem as pessoas, mais elas se tornam detestáveis. Coerente com tal filosofia, Aboul Alaa abandona a vida mundana, se proíbe todo prazer corporal, moral e social e torna-se um celibatário inveterado. Morre em março de 1.057 (449 da Hégira) e é homenageado por todas as pessoas de cultura e incontável número de poetas.

### A EPISTOLA DO PERDÃO

Obra: — Aboul Alaa se refere, sempre, à Epístola do perdão, em suas outras obras; no entanto, seu texto só é conhecido em 1899, quando o orientalista inglês, Nicholson, o descobre e publica um artigo, na *Revista Real Asiática* (J.R.A.S.), declarando havê-lo encontrado, entre outros manuscritos árabes, na “Biblioteca de Shakespeare”. Em 1900, Nicholson publica uma descrição do manuscrito encontrado, seu resumo e a tradução da primeira parte. No ano seguinte, apresenta o resumo da segunda parte, traduzido igualmente do original árabe para o inglês. Desde então, são encontrados, no Cairo, quatro outros manuscritos da Epístola do Perdão, que é reeditada várias vezes no Egito e Líbano, e é objeto de estudo de inúmeros estudiosos do mundo inteiro.

A Epístola do Perdão é uma das obras mais famosas de Aboul Alaa. Escreve-a em seu confinamento, em 1032; é uma resposta à epístola que lhe envia Ali Ibn Mansour, mais conhecido por Ibn al Qarih, literato, eximindo-se das acusações que lhe são feitas, devido ao ataque que desfecha contra Aboul Kassim Al Magribi, estadista que sempre o favoreceu antes de sua derrota. Nesta epístola, Ibn al Qarih discorre, ainda, sobre um grupo de pessoas, que estaria afastado, na época, da verdade e da religião, denominado “zindiq”, — ateu ou hipócrita religioso —, sobre questões de literatura, filosofia, história e gramática.

Aboul Alaa que conhece o caráter e a vida mundana, cheia de pecados, de Ibn al Qarih, responde-lhe com profunda ironia dissimulada; faz-lhe ver que, pela pureza de suas intenções e de sua alma, refletida na epístola, será recompensado com o perdão do Altíssimo e faz dele o protagonista de uma viagem celestial, reservada apenas aos bem-aventurados.

A Epístola do Perdão está dividida em duas partes. Na primeira, o autor relata uma estória imaginária, cujos acontecimentos ocorrem no paraíso e inferno, no dia do julgamento. Chama-a Epístola do Per-

dão porque nela trata do perdão que concede a Ibn al Qarih e a outros poetas descrentes que, segundo ele, o merecem, devido à qualidade de suas obras literárias. A segunda parte é a resposta às perguntas contidas na epístola de Ibn al Qarih.

A primeira parte pode ser sub-dividida em seis capítulos. O primeiro relata a entrada de Ibn al Qarih no paraíso, o passeio que faz e a fruição de seus encantos, os diálogos com alguns poetas pré-islâmicos e islâmicos; o segundo se refere à sua atitude diante da ressurreição e julgamento, como obtém o perdão e entra no paraíso; o terceiro tem como assunto o reinício de seus passeios pelo paraíso e seu diálogo com poetas e cantores salvos, também pré-islâmicos e islâmicos; o quarto se ocupa de sua passagem do paraíso ao inferno; o quinto é a descrição do inferno e o diálogo de Ibn al Qarih com Satã e com poetas condenados, pré-islâmicos, islâmicos e abássidas. Finalmente, o sexto capítulo descreve sua volta ao paraíso, seu diálogo com Adão e sua visita ao paraíso dos poetas.

A segunda parte contém, com já o dissemos, a resposta de Aboul Alaa às perguntas que Ibn al Qarih lhe faz, na epístola, e aborda ainda várias outras questões, tais como o tempo, espaço, transmigração, etc.

A Epístola do Perdão é uma mescla de lendas, descrições, críticas, comentários, ciência, filosofia, história e teologia. As lendas são interessantes, repletas de diálogos, às vezes monótonos, segundo alguns críticos. A descrição caracteriza-se pela hipérbole, pela imaginação e estranheza. A crítica abarca a literatura, a religião, as tradições e os fatos sociais, e é austera, cheia de ironia e sátira; oferece-nos muitos trocadilhos e eufemismos. Quando se refere à literatura, porém, a crítica é elogiosa, atribuindo especial apreço à originalidade e ao equilíbrio; ataca o exagero e a desarmonia nas palavras e nas rimas. Finalmente, a crítica se revela profunda e atraente, ao referir-se à ciência, à filosofia e à história. Na realidade, a Epístola do Perdão nos descobre o lado enciclopédico do grande mestre que é Aboul Alaa.

Possuidor de uma alma grande em corpo frágil, magnânimo coração sob trajes humildes, visão penetrante atrás da cortina da cegueira, raciocínio altamente pesquisador, preso às algemas do corpo, Aboul Alaa se propõe sempre a descobrir os fatos e a compreender os segredos da existência. No entanto, é a encarnação do pessimismo; pensando na vida e na morte, exagera na descrição do Nada e, refletindo sobre seus defeitos físicos, expressa grande amargura. Isto tudo, dirigido por uma forte personalidade que não aceita objeções a uma prova ou a recusa a uma resposta.

Aboul Alaa alcança o auge no campo da imaginação. Ele tem a capacidade de criar, partindo de estórias comuns, uma imagem singular e original, revestida de particularidades desconhecidas em outras obras. Como se sabe, o autor aborda, na Epístola, o tema do paraíso e do inferno. E não há dúvidas de que estes dois assuntos não são novos na tradição árabe e muçulmana. Aliás, ele próprio, várias vezes, cita a fonte na que se abebera. Entretanto, a maneira como compõe as imagens apresenta-se totalmente inédita, isto é, Aboul Alaa consegue criar imagens novas com assuntos velhos. E isso é o que importa. Sejam quais forem os temas, estórias, lendas, mitos, etc., coloca-os todos elaborados por sua imaginação, onde animais e coisas são personificados.

Um dos críticos de sua obra, aliás, cita, como característica do estilo de Aboul Alaa, a prosopopéia freqüente, ou seja, a figura de retórica que dá ação, movimento ou voz às coisas inanimadas e animais. Nicholson, por exemplo, escreve: “A Epístola de Aboul Alaa é uma agradável criação da imaginação, um pouco pedante, mas engenhosa, audaciosa e original”

Podemos afirmar, sem exagero, que a sátira aparece na Epístola como característica evidente. Aliás, Adam Smith, referindo-se a este particular, diz: “Na Epístola do Perdão, evidencia-se a sátira latente, de maneira magistral”

Convém assinalar que muitos críticos acham que Aboul Alaa usa intencionalmente a sátira, afim de desvalorizar as crenças islâmicas relativas à vida de além-túmulo. Discordamos, porém, disto. Na realidade, sua sátira é dirigida tão somente a Ibn al Qarih e se oculta atrás de uma visão hiperbólica de Aboul Alaa, na concepção do outro mundo, de modo que a sátira se revela como manifestação de bom humor ou gracejo. Contudo, tal humor não deixa de trair a amargura e decepção que existem atrás dele. Além disto, a sátira, que dirige a Ibn al Qarih, apresenta-se severa e impressionante, na segunda parte da Epístola, que nada tem a ver com o outro mundo.

No estudo do paraíso de Aboul Alaa, é bem perceptível a marca característica do Paraíso do Corão.

Aboul Alaa extrai, do paraíso corânico, a maior parte de dados para formar o seu paraíso, de modo que o leitor apressado pode julgar que o autor o copiou, acrescentando uma ou outra coisa, exagerando outras, quando da apresentação dos prazeres e das delícias.

Assim, encontramos no paraíso de Aboul Alaa as mesmas imagens citadas no Corão: rios maravilhosos que atravessam moradas celestiais e cujas águas protegem os que delas bebem, tornando-os imunes à

morte; rios de leite que jamais azedam; rios de vinho que não causam mal a ninguém; e mais, rios de mel refinado que podem alimentar durante toda a vida os que dele tomar, protegendo-os contra as doenças e febres. As pessoas, no paraíso, gozam de boas companhias, sem prevenções nem maldades; entre elas, ressaltam-se as húrís, belíssimas e doces virgens que, segundo o Corão, hão de desposar os crentes, no paraíso muçulmano; os bem-aventurados deitam-se em leitos esplendorosos, acariciados por lençóis de seda, tendo a seu alcance saborosos e variados frutos, etc., etc.

Além das imagens corânicas, Aboul Alaa aproveita ainda poemas pré-islâmicos, de onde extrai idéias relativas aos passeios no deserto, à caça, ao lançamento de copos de ouro nos rios, etc. E além das imagens corânicas e pré-islâmicas, apresenta lendas conhecidas dos árabes, bem anteriores à sua época, como a das árvores das húrís, das quais se proxima Ibn al Qarih, acompanhado de um amigo, que lhe diz: “Toma uma fruta desta árvore e abre-a” E, tomando-a, eis que dela surge uma donzela, cuja beleza chega a causar a admiração das próprias húrís. E ela pergunta ao poeta: “Quem és tu?”, ao que ele responde: “Sou Ibn al Qarih” “Sabes, — acrescenta ela —, eras o meu sonho quatro mil anos antes de Deus criar o mundo” A lenda das árvores da húrís é bem conhecida na tradição árabe e, segundo ela, tais árvores existem na Índia e dão frutas em forma de mulheres, que morrem, uma vez separadas da árvore.

Se por um lado Aboul Alaa se inspira no Corão e em poesias pré-islâmicas e lendas árabes, aumentando ou exagerando uma e outra idéia, por outro, todos os assuntos são remodelados por sua rica imaginação, de modo que não podemos atribuir-lhe cópia destes elementos. A bem da verdade, ele os transforma peculiarmente, oferecendo-nos imagens originais, revestidas de sentimentos, esperanças ou tormentos. E estas mesmas imagens não podem ser desvinculadas de seu mundo psicológico, mundo este que não encontramos em outras obras que também falam da vida do Além. Assim, na obra de Aboul Alaa, deparamo-nos com um paraíso característico, que reflete bem a personalidade de seu autor e, se este paraíso for objeto de estudos de um analista, sem que mesmo conheça o autor, logo o julgará como o paraíso de uma pessoa enclausurada, indigente, cega e literata.

O que mais nos chama a atenção no paraíso de Aboul Alaa, é que ele não apresenta a calma inerte, nem o relaxamento total do paraíso imaginado ou descrito pelos demais escritores. Ao contrário, ele é rico em movimento e vida, em sentimentos e emoções fortes. O autor faz realizar nele tertúlias aprazíveis, banquetes maravilhosos, festas luxuosas para os quais convida os hóspedes desta região celestial. Quando,

por exemplo, Ibn al Qarih sente, subitamente, a vontade terrena de dar um passeio, monta um animal escolhido e sai para caçar, visitar amigos e congratular-se com eles.

Todas as regiões paradisíacas estão cheias de melodias e canções. Uma húrís canta aqui, outra lá, outra acolá, enquanto algumas dançam. Às vezes, o som ameno cresce até tornar-se ruidoso, outras vezes chega a avolumar-se até aos gritos; e pode-se ouvir aí a mescla das vozes de todos os pássaros. O movimento, no paraíso, continua ascendendo e, transforma-se numa sinfonia natural. Ibn al Qarih, dirigindo-se a outro poeta e fazendo tocar as suas taças de ouro, diz-lhe: “Não existe algazarra no paraíso. Ela é própria da vida terrena, dos ignorantes e das pessoas reais”

O episódio, descrito acima, nada tem de semelhante ao paraíso descrito no Corão, onde apenas há paz e tranqüilidade, opostas à aspiração de Aboul Alaa, que leva quase meio século encerrado em sua casa. Além destes movimentos físicos, pode-se observar, ainda, um movimento psíquico maior, mais dinâmico e mais forte, que agita o paraíso de Aboul Alaa e anima os seus habitantes, distanciando-os da paz do paraíso do Corão. Aliás, estes habitantes trazem em si as mesmas tendências que tinham em vida: a saudade dos amigos, a esperança, a censura, a tentação, a zanga, a decepção, etc., o que sempre pode tornar intranqüilas as pessoas. E o autor exemplifica estas tendências; assim, sobre a tentação, escreve: “Uma das cobras do paraíso dirige-se a Ibn al Qarih e lhe diz: Não queres estar comigo um pouco? Se quiseres, poderei sair por detrás de minha pele e transformar-me na mais bela das donzelas do paraíso. Se sorveres minha saliva, perceberás que é muito mais saborosa que aquela citada pelo poeta Ibn Mukbil, que diz: “Deu-me ela de beber sua deliciosa saliva, e, ao sorvê-la, amoleceram-me inclusive os ossos” E se expirar em teu rosto, far-te-ei saber que, comparada a mim, a amiga de Ântara teria exalado o pior dos hálitos”

É difícil fazer um inventário de todas as espécies de prazer que inundam o seu paraíso. Nunca se vê o poeta afastado do vinho, dos banquetes, das mulheres, exatamente o oposto do que faz Aboul Alaa a vida inteira. Ele discorre com arte sobre a bebida e seus efeitos, sobre a carne deliciosa das aves e animais, sobre os banquetes abundantes, e tudo, enfim, que se pode imaginar em iguarias.

Quanto às mulheres, ocupam um lugar privilegiado no paraíso. Assevera que as mulheres do paraíso são diferentes das terrenas, como a pérola difere da pedra. Aboul Alaa as trata com uma cortesia que ultrapassa a de todos os poetas precedentes. Podemos constatá-lo ao

referir-se ele às húrís e aos prazeres sensuais, dos quais Ibn al Qarih usufrui ao máximo.

É curioso que Aboul Alaa tenha imaginado seu paraíso sob um aspecto humano, com seus habitantes cheios de inclinações e desejos próprios dos mortais, com os mesmos defeitos e falhas, como a desobediência, o desejo do proibido, a distração. Da mesma forma, idealiza esta região à semelhança das organizações existentes na terra; há bairros e palácios no paraíso, e permite, a seus moradores, o gozo de tudo aquilo que desejaram em vida. Se quiserem fazer um banquete, fá-lo-ão como na terra; não pretende o autor que as iguarias venham prontas aos habitantes; acha mais conveniente e interessante que sejam preparadas. Cria, para tanto, a moenda, que vai moer o trigo; busca aves, gado, rebanhos de carneiros e convoca os famosos cozinheiros de Alepo, dos tempos passados. Aliás, os moradores do paraíso não precisam expressar o seu desejo; basta que pensem na coisa desejada, para que a encontrem realizada.

O paraíso de Aboul Alaa é, pois, o paraíso de um ser enclausurado e privado de todos os prazeres da vida terrena. Quando se refere a Ibn al Qarih no paraíso, sabedor da inclinação deste pelos prazeres sensuais, inunda a região celestial de tudo que é aprazível ao poeta. Em resumo, o paraíso de Aboul Alaa é o paraíso de um poeta pobre e afastado do convívio da sociedade. Se rico e mundano, seria concebido de outra maneira.

Era de esperar que Aboul Alaa não concebesse um paraíso descortinado atrás de uma cegueira. Com efeito, encontramos-lo como censor dos defeitos humanos e, assim, faz a excursão paradisíaca com a mais aguda das visões. Além do mais, não encontramos em seu paraíso uma queixa sequer de defeitos ou doenças, porque qualquer pessoa que na vida terrena tenha sofrido, na vida do Além estará isenta de sofrimentos e lhe serão concedidos privilégios. Assim, por exemplo, o cego, em vida, torna-se, no paraíso, o mais agudo dos observadores, gozando de excepcional visão; a mulher divorciada, por causa do mau hálito passa a ser a mulher de boca mais perfumada entre as imortais; a mulher negra será a mais alva de todas as mulheres. Aboul Alaa fala de tudo isto com muita determinação, ao encontrar-se com Hamid Ibn Saur que se queixou tanto em vida de sua vista. Ao perguntar-lhe Aboul Alaa: “Como está tua vista agora?” responde-lhe: “Se, acaso, encontro-me a oeste do paraíso, posso enxergar um amigo que está a leste, havendo entre nós a distância de milhares de anos-luz que, como sabes, é uma imensidão assombrosa”

Através da viagem que faz Ibn al Qarih, percebemos que todas as pessoas que vêm aí descritas são literatos, poetas ou lingüistas, à ex-

ceção de Adão, a quem encontra, a caminho, entre o paraíso e o inferno. (Talvez ele apareça aí para dar uma espiada em seus filhos castigados. ) E a razão pela qual se encontra com ele, nesta ocasião, é a de confabular sobre o seguinte: os críticos literários se preocupam sempre em saber se realmente Adão escreveu poesias, como reza a tradição; e qual é a língua falada no paraíso, que todos pretendem ser o árabe?

Com efeito, Aboul Alaa escolhe, para entrevistar, no paraíso, os mais famosos dos poetas precedentes e os autores de grandes obras literárias, bem como os lingüistas que desempenharam papel importante na evolução da língua árabe. O mais interessante, ainda, é que ele faz do paraíso um lugar, também, de cobras e diabos crentes, como representantes de personalidades literárias. Numa entrevista com Khaitaur — chefe dos demônios crentes, na missão de Muhammad —, que aí aparece não só como literato, mas, ainda, como leitor do Corão, Aboul Alaa nos oferece passagens curiosíssimas. Ao deparar, por exemplo, com uma cobra, espanta-se e lhe pergunta: — “Que faz uma cobra no paraíso?” — ao que ela responde, dando mostras de erudição: — “Na verdade, quando estava no mundo, habitava a casa de Al Hassan Al Basri, famoso lingüista e, assim, assimilei toda a sua sabedoria. Uma vez morto, mudei-me para as paredes da casa de outro lingüista, Abu Amr Ibn Alaa. Tempos depois, viajei para Al Kufa e me tornei discípulo de Hamda Ibn Habib, também grande lingüista. Estudei com todos eles e, obviamente, tornei-me sábia em relação às peculiaridades da língua árabe e, em particular, à sua gramática”

Aboul Alaa coloca, ainda, entre os literatos, as mais famosas cantoras, a fim de alegrarem os grandes banquetes, para os quais são convidados todos os poetas. E realiza, no paraíso, colóquios literários lapidares, nos quais são discutidas questões literárias e de língua, a fim de sistematizar uma posição racional, com referência a alguns problemas de certa importância. Nestes colóquios, há críticas profundas e censuras eruditas, baseadas em discussões da época, na vida terrena.

A par dos inúmeros prazeres, proporcionados no paraíso, notamos que a literatura é objeto de maior realce nas atividades de seus habitantes. Há literatura nos diálogos, nos banquetes, nas canções e nas danças. Inclusive, no dia da ressurreição universal, vemos Ibn al Qarih solicitar à guarda do paraíso que lhe permita a entrada, em termos de poema de louvor. E para demonstrar o valor palmar da literatura, Aboul Alaa cita a passagem de um poeta pagão que, saindo do inferno, é enviado ao paraíso, devido simplesmente a uns versos que compôs em vida:

“Quem pede ajuda às pessoas  
Nada encontra.  
No entanto, quem a pede a Deus,  
Jamais é desamparado”

## O INFERNO, NA EPÍSTOLA DO PERDÃO

Aboul Alaa toma emprestado, para o seu inferno, muitas imagens do inferno do Corão, bem como das lendas e poemas da tradição árabe, tal como faz no paraíso. As denominações que usa para designar as regiões do inferno são tomadas do Corão, a saber: inferno, jahannam, sakar, jahim; palavras como verdugo, algemas, correntes, arpão de ferro, mencionadas no Livro Sagrado, aparecem igualmente no inferno de Aboul Alaa. Além disso, cenas corânicas inteiras são transportadas para a sua obra. Citamos, à guisa de curiosidade, cenas similares em ambas as obras: Passa pela mente de Ibn al Qarih dar uma olhada nos moradores do inferno e ver a que tipo de castigo são submetidos, com o fito de agradecer a Deus por sua salvação e comprovar a Sua fala: “Um deles diz: Olhai, eu tinha um companheiro que costumava dizer: És tu, na verdade, daqueles que puseram fé nas Suas palavras? Poderemos nós, quando mortos e transformados em simples ossos e pó, ser chamados a prestar contas? E disse: Quereis ver? Então ele olhou e viu-o nas profundezas do inferno. E concluiu: Por Alá, fizeste tudo, na verdade, para causar a minha ruína” (surata 37, vers. 51 a 56)

No diálogo entre Ibn al Qarih e Satã, igualmente as cenas se repetem. Por exemplo: Satã diz ao escritor: “Preciso algo de ti. Se pudeses fazê-lo, ficarei muito agradecido” O outro responde: “Nada posso fazer-te, pois a fala de Deus já condenou os moradores do inferno” Esta condenação se encontra no versículo que diz: “Os moradores do Inferno apelam aos do Paraíso: Mandem-nos um pouco de água ou de outras dadas de Alah”. Respondem os habitantes do Paraíso: “Deus as proíbe aos infiéis” (Surata 7, vers. 50). Continua Satã: “Eu não preciso disso. Quero, apenas, uma informação: a bebida alcoólica, vedada na terra, é liberada no paraíso. Acaso, os moradores do paraíso fazem com seus jovens imortais o que faziam os habitantes de Sodoma com os seus?” — “Sê maldito”, diz Ibn al Qarih. “Como podes pensar tal coisa, estando aí, mortificado por castigos”? Não ouvistes a fala de Deus sobre os moradores do paraíso, que lá encontram companheiros puros?”

Aboul Alaa transcreve, ainda, lendas e poemas escatológicos, ao descrever o seu inferno. Todavia, tudo isto não redundaria em mero plágio, pois a inventiva e genialidade de Aboul Alaa tornam estas ima-

gens originais, remodeladas por sua reflexão sábia e profunda que irão refletir o mundo interior típico do autor, mundo este cheio de alucinações, receios e temores, perturbações e indecisões.

Além destas características gerais do inferno corânico, Aboul Alaa apresenta, outrossim, características particulares, tais como: grande sobriedade na apresentação dos castigos, o que torna suas descrições sem similares entre outras imagens infernais. Sempre que fala dos castigos, fá-lo brevemente e reduz suas cenas a uma total e mínima delimitação. Tanto assim que a mais extensa delas não chega a ultrapassar algumas linhas. Os poetas, a quem ele se refere no inferno, são apresentados sumariamente, como:

“A’lgama, — poeta pré-islâmico — com esgares e caretas”

“Ântara, — poeta pré-islâmico — queimado no fogo”

“Al Aktal, — poeta cristão da época islâmica — sofrendo”

Baseando-se substancialmente no Corão, apresenta imagens mais restritas e limitadas nas cenas infernais.

Tal como faz com o paraíso, o inferno de Aboul Alaa assume as seguintes características: a) A região infernal é pressentida pelo cego que se obstina contra a cegueira. Ao focalizar o poeta Bachchar, um dos mais famosos poetas abássidas, cego como Aboul Alaa, descreve-o como portador de grande capacidade visual, dotado de dois olhos, para melhor ver os horrendos castigos. b) O inferno continua sendo tratado por um literato, por conseguinte, está repleto de discussões literárias, de diálogos poéticos. Podemos até dizer que este inferno não encerra senão poetas. O próprio Satã recebe a personificação de literato, porém, maldito, capaz de ler e relatar o Corão e de dizer poemas.

O autor expressa ainda idéias e opiniões a respeito de questões problemáticas da literatura árabe e da lingüística, através dos diálogos no inferno. Contudo, este inferno, malgrado todas as discussões literárias, é menos agitado que o seu paraíso.

A posição individual de Aboul Alaa diante dos poetas condenados às penas do inferno, também é expressa e discorda de seus destinos. Ele não oculta sua mágoa ao ver alguns poetas no inferno e põe, na boca do viajante de sua estória, palavras de consolo, dirigidas a eles, ditas com franqueza comovente. Ao lamentar o triste fado de Bachchar — condenado à morte, devido à sua crença anti-islâmica —, diz-lhe: “Aperfeiçoaste tua palavra, mas falhaste em tua crença. Em vida, lia teus escritos e rezava por ti, na esperança de o perdão poder alcançar-te” O mesmo ocorre com Amr Ibn Kulçum, a quem dirige estas palavras: “Dizias, sempre, que possuías o hábito de iniciar o teu

dia bebendo o mais soberbo dos vinhos; que pena que tenhas, hoje, de beber apenas água fervente”

No inferno, como no paraíso, Aboul Alaa faz realçar o grande prestígio da literatura e se indaga, constantemente, por que alguns versos, que considera altamente dignos, não alcançaram a misericórdia de Deus aos seus autores. Assim, cite-se o que disse ao poeta pré-islâmico A'lgama: “Se há versos de grande valor, nos quais não se menciona a Deus, dignos de interceder por um culpado, são aqueles em que falas das mulheres” São de A'lgama os versos: “Se me perguntarem por mulheres, poderei responder com exatidão, pois sou experiente e sábio: elas abandonam os homens, quando estes encanecem e não têm fortuna.. Elas amam a riqueza onde quer que esteja e pleiteiam, apenas, aproximar-se da juventude”

Assim, encontramos diversos tópicos literários mesclados de bom humor e de certo espírito satírico, nos quais Aboul Alaa consigna que seu inferno é o do literato, onde o castigo, mesmo infernal, não impede o gozo dos prazeres da literatura e não limita a sua imaginação.

Asín Palacios encontra, na Epítola do Perdão, uma adaptação literária da viagem noturna do profeta Muhammad, do Islão, e, conseqüentemente, estabelece um elo entre a Epístola e o poema dantesco, pretendendo que Dante, ao compô-lo, imita muitos elementos daquela. Tal atitude do autor espanhol não é inédita, pois, antes dele, podemos encontrar opiniões semelhantes, no Oriente e mesmo no Ocidente. A título de exemplo, mencionemos a frase de Kurd Ali que diz: “O cego de Al Ma'arrat foi o professor do gênio italiano na poesia e na imaginação”

Finalizando, gostaríamos de esclarecer que tal assunto, por haver originado tantas controvérsias e polêmicas, ainda não teve esgotado seu potencial de pesquisas e análises críticas. E ainda é cedo para dar-lhe a palavra final.

#### BIBLIOGRAFIA

- (1). — *ALCORÃO* (versão portuguesa de Bento de Castro), Lourenço Marques, 1964.
- (2). — Palacios, Miguel Asín — *LA ESCATOLOGIA MUSULMANA EN LA DIVINA COMEDIA*, seguida de la *HISTORIA Y CRÍTICA DE UNA POLEMICA* — Tercera edición — Instituto Hispano-Árabe de Cultura — Madrid, 1961.

- (3). — Palacios, Miguel Asín — *ISLAM AND THE DIVINE COMEDY*, translated and abridged by Harold Sutherland — new impression, Frank Cass & Co. Ltd., London, 1968.
- (4). — Nicholson — *A LITERARY HISTORY OF THE ARABS*, London, 1923.
- (5). — Ibn KHALDOUN — *AL MUKADDIMA* (Os Prolegômenos), Ed. Lajnatu Al Bian Al Arabi, Cairo, 1965; quatro volumes.
- (6). — Ahmad Amim, *ZUHR AL ISLAM* (Entardecer do Islão), Ed. Al Nahdan, Cairo, 1967: quatro volumes.
- (7). — Sayed Amir Ali — *RUH AL ISLAM* (Espírito do Islão), Tradução de Amim Charif. Ed. Maktabatu al Adb, Cairo, 1961.
- (8). — Ahmad Taimur — *ABUL ALAA AL MAARI*, Ed. Dar Al Maarif, Cairo, 1940.
- (9). — Aicha Abd Ar-Rahman — *AL GRUFAN DE ABUL ALA* (O Perdão de Aboul Alaa), Ed. Dar Al Maarif, Cairo, 1954.
- (10) — Mohamad Salim Al Gindi — *TARIKH MAARRATI AL NUMAN* (História de Maarra al Numan), Ed. Ar-Rukey, Damasco, 1963.